

ARTISTA DOLMES

MARINAS FOUND

GUI VELLA

down
stage



GUI VELLA

Realização: Downstage
Direção do projeto: Bia Vaccari
Produção executiva: Bia Vaccari
Direção criativa: Isadora Vianna
Fotografia: Isadora Vianna
Entrevista e texto: Bia Vaccari
Assistência de set: Yvã Santos
Captação e edição de vídeo: Rafael Novak
Diagramação: Munique Fonseca
Direção de arte: Munique Fonseca

MARINAS FOUND

Realização: Downstage
Direção do projeto: Bia Vaccari
Produção executiva: Bia Vaccari
Direção criativa: Isadora Vianna
Fotografia: Talita Feijó
Entrevista e texto: Mel Buzzatto
Diagramação: Munique Fonseca
Direção de arte: Munique Fonseca



Oiê!

Se você está lendo isso, significa que está prestes a descobrir **um projeto muito especial** — algo em que passamos os últimos dias trabalhando e que vai tomar conta dos próximos meses aqui no **Downstage**.

Caminhando para os **cinco anos** do site (e do projeto como um todo), percebi no nosso dia a dia que existem artistas que surgem no tempo certo.

E existem aqueles que surgem **porque o tempo precisa deles**.

Desde 2021, me vi mergulhada no cenário nacional até a cabeça e, nesse percurso, encontrei diferentes tipos de expressões artísticas. Todas com um fator em comum: a busca por *sons mais honestos, mais crus e mais humanos*.

Foi nesse cenário que várias bandas e artistas começaram a chamar a minha atenção — e a de toda a redação do Downstage. Nomes que carregam a música como expressão real, não como produto, diferente do que estamos acostumados a enxergar no mainstream. E é justamente a partir dessa observação que nasce, com muito carinho, o mais novo projeto do Downstage: o **Artista do Mês**.

Uma iniciativa criada para reconhecer quem está ajudando a moldar o que a cena está se tornando.

Essa edição é um convite repleto de alegria (*sério, eu estou dando pequenos pulinhos enquanto escrevo isso aqui*) para conhecer o trabalho de **Gui Vella e Marinas Found**, nossos artistas de janeiro, e todo o universo por trás de seus trabalhos.

Boa leitura,

Bia Vaccari

Editora-chefe e fundadora — Downstage

Foto: Rafael Novak



ARTISTA DO MÊS



MARINAS FOUND

E A POLÍTICA DE SEGUIR VIVENDO E TENTANDO





O PASSADO NÃO VOLTA, MAS PODE TE IMPULSIONAR: A MARINAS FOUND E A POLÍTICA DE SEGUIR VIVENDO E TENTANDO

Banda de Pelotas chega ao terceiro álbum costurando **pop punk, hardcore melódico e vivência cotidiana**, em um trabalho que olha para o passado sem nostalgia paralisante e para o presente sem cinismo.

Quem conhece sabe que a **Marinas Found** nunca foi uma banda de meias-palavras. Desde seus primeiros trabalhos, a política sempre esteve ali. Escancarada ou mais diluída na forma de narrar o cotidiano, mas sempre como parte inseparável da forma como o grupo enxerga o mundo. Por isso mesmo, há algo de **profundamente honesto** e, ao mesmo tempo, raro, em ver uma banda politizada, optar pela luz - *uma fâsca construída a partir do atrito com a realidade*.

É exatamente nesse ponto de tensão que a Marinas Found se encontra em seu terceiro álbum: um disco se recusa a tratar saudade como luta, que aponta o capitalismo como vilão estrutural e que **reafirma o punk como uma linguagem viva** capaz de falar de skate, amizade, cidade, afeto e revolta sem hierarquizar essas experiências.



Formada em Pelotas, longe do eixo hegemônico da música independente brasileira, a Marinas Found vem construindo Saudade desde outubro do ano passado. **“Viva Rápido”, “Rito”, “Cidades Vizinhas” e “Pule o Muro”** não foram lançadas apenas como estratégias de divulgação, mas como fragmentos de uma narrativa maior. Cada faixa abre uma fresta diferente, mas ao observar o conjunto da obra, todas apontam para a mesma pergunta: *como seguir em frente, com **otimismo**, quando muita coisa já não pode mais ser como antes?*

Em entrevista ao Downstage, Pedro Soler, vocalista e fundador da Marinas Found, falou sobre o processo de criação do disco, a **radicalização política**, o peso simbólico do feat com Rodrigo Lima (Dead Fish) e a escolha consciente por uma estética mais solar.





UM DISCO QUE SE PERMITE IR A VÁRIOS LUGARES

Segundo Soler, o ponto de partida não foi bem um "vamos fazer um álbum diferente", mas "**vamos nos permitir criar de forma diferente**". A diferença é sutil, mas essencial para esse processo mais longo, mais livre e mais atento ao tempo, dialogando diretamente com a ideia de saudade.

Essa abertura levou a um disco que se move por **várias vibrações sem perder identidade** - algo que Pedro associa diretamente à experiência de ouvir grandes álbuns formativos.

UMA COISA QUE SEMPRE ACHEI MUITO MASSA NOS ÁLBUNS, PRINCIPALMENTE OS MAIS CLÁSSICOS, TIPO AMERICAN IDIOT, DO GREEN DAY, É ESSA COISA DE IR EM VÁRIOS LUGARES ENQUANTO TU TÁ OUVINDO, MAS AINDA ASSIM TER UMA COESÃO ESTÉTICA.

A Marinas Found tenta fazer algo semelhante: **circular entre o hardcore melódico, o pop punk**, momentos mais groovados, sintetizadores pontuais e explosões mais cruas, mantendo uma identidade reconhecível.

A escolha dos singles, no entanto, esteve longe de ser simples. Sobre o assunto, Soler nos conta:

FOI MUITO COMPLICADO ESCOLHER. 'MAIS UM, MENOS UM' É UMA MÚSICA QUE A GENTE GOSTA MUITO E ACABOU NÃO INDO. 'SKATE' TAMBÉM. MAS ESSAS QUATRO ACABARAM FUNCIONANDO COMO UM SÍMBOLO DO QUE A MARINAS JÁ É E DO QUE O ÁLBUM TRAZ DE NOVO.

Dentre as quatro escolhidas, é possível dizer que "Rito" e "Cidades Vizinhas" funcionam como pontes com o que a banda já vinha fazendo, mas apontam novas direções. "Viva Rápido" e "Pule o Muro", por sua vez, escancaram uma Marinas **mais solar, mais rítmica, menos presa ao peso constante** que marcou trabalhos anteriores. E o resultado é um "cartão de visitas" que não simplifica a banda, mas a expande.



POLÍTICA COMO PARTE DA VIDA



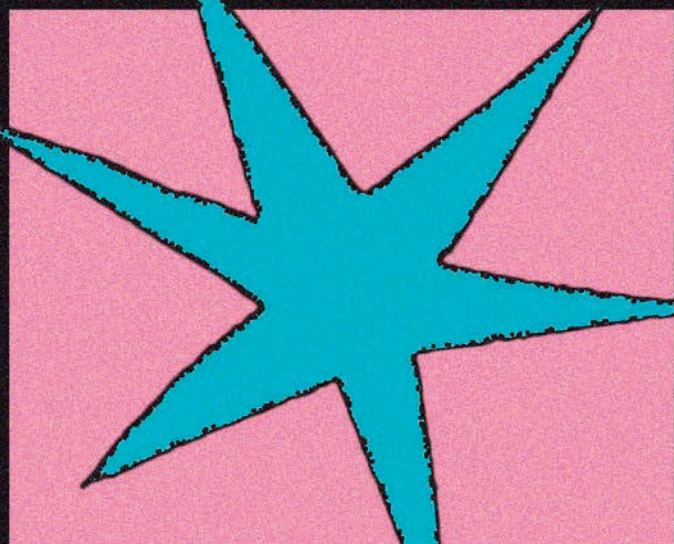
Além de se expandir musicalmente, no campo do discurso a Marinas Found se aprofunda. Não há a pretensão de ser uma banda **monotemática ou panfletária**. Pelo contrário: o que se radicaliza é a compreensão de que falar da vida também é, inevitavelmente, *falar de política*.

Esse amadurecimento passa pela própria experiência de envelhecer. A rebeldia juvenil, que antes se manifestava quase como impulso quase que automático, agora vem acompanhada de ressentimentos, frustrações e **uma leitura mais dura da realidade brasileira e latino-americana**. A influência dos Estados Unidos na região, o *avanço da desigualdade, o racismo estrutural, os preconceitos* – tudo isso atravessa as letras de alguma forma, mesmo quando não é o tema central.

Pedro deixa claro que a radicalização não vem de uma decisão estética, mas da própria vivência em um país como o Brasil:

QUANTO MAIS VAI CAINDO A FICHA DA VIDA ADULTA, MAIS DIFÍCIL FICA SE DESCONECTAR DA REALIDADE E DA POLÍTICA, AINDA MAIS MORANDO NO BRASIL [...] A GENTE SEMPRE VIVEU NUMA HISTÓRIA DE MUITA DESIGUALDADE, MUITO RACISMO, MUITA HOMOFOBIA. ESSA REBELDIA POLÍTICA SEMPRE ANDOU JUNTO COM A REBELDIA DE QUERER SAIR PRA RUA, IR PRA NOITE, VIVER.

Mas há uma virada importante em relação ao disco anterior: a banda faz um **movimento consciente** de sair de uma estética dark, quase deprimida, para resgatar o pop punk como espaço ambíguo, *onde alegria e tristeza coexistem*. Em faixas como "Cidades Vizinhas", por exemplo, a celebração da cidade e do encontro convive com a crítica à elitização urbana e à tentativa constante de segregação dos espaços.





Dentro desse contexto, o encontro com Rodrigo Lima, do Dead Fish, em “Cidades Vizinhas” ganha um **peso especial**. Trata-se do primeiro feat da história da Marinas Found – e não por acaso, com *uma das figuras mais simbólicas do hardcore nacional*.

Soler conta que a parceria surge de um caminho orgânico, iniciado ainda em 2020, durante a pandemia, a partir da coletânea do Arquivo Punk Rock do Sul, um coletivo de Porto Alegre e região, liderado por Lesisa (Letícia Peres Ueque). Depois de algumas trocas constantes, o feat surge como forma de **eternizar essa conexão e amizade, mesmo à distância**.

“QUANDO ELE OUVIU ‘PLANÍCIES’, FALOU QUE TINHA CURTIDO MUITO. EU MANDEI MENSAGEM, COMEÇAMOS A TROCAR IDEIA, VIRAMOS AMIGOS. [...] EU PENSEI: NÃO SEI QUANDO A MARINAS VAI GRAVAR DE NOVO. ESSA É A CHANCE DE REGISTRAR ISSO”.

Há, sim, um diálogo geracional evidente. O Dead Fish representa, há mais de três décadas, uma linhagem do hardcore melódico politizado que, segundo Soler, hoje não ocupa tanto o centro da cena. Ao colocar essas vozes juntas, “Cidades Vizinhas” **constrói uma ponte entre épocas, territórios e cenas**, amplificando seu sentido. “Quando ouvi a versão com o vocal dele, pensei: ‘que loucura, tô ouvindo o cara cantar uma música da minha banda’”, lembra Soler sobre a reação de escutar a parte gravada por Rodrigo pela primeira vez.

O FEAT COM RODRIGO LIMA





Saudade, verão brasilidade

Visualmente, o álbum também inova na história da Marinas, trazendo uma estética solar contrastante com o imaginário mais sisudo, geralmente associado a bandas politizadas. O disco trabalha a **saudade** não como desejo de retorno, mas como impulso para seguir adiante. Não se trata de resgatar o que foi perdido, mas de reconhecer o valor do que existiu e usar isso como combustível para o agora e para o amanhã.

Essa ideia atravessa tudo de forma afiada e com uma brasilidade muito concreta, repleta de gestos cotidianos – inclusive aqueles que só fazem sentido aqui. Além disso, Soler reforça que cantar em português é parte dessa escolha, por entendimento de que certas experiências – **como a própria palavra “saudade”** – são intraduzíveis sem perda.

“CANTAR EM INGLÊS É UMA PARADA QUE NUNCA PASSOU PELA NOSSA CABEÇA. NADA CONTRA AS BANDAS QUE FAZEM, ATÉ PORQUE EU CURTI MUITO BULLET BANE E GARAGE FUZZ DURANTE TODA MINHA VIDA, MAS SEMPRE ACHEI QUE EU CONSEGUIA ME EXPRESSAR E ME CONECTAR MELHOR NA LÍNGUA QUE EU FALO [...] TEM UMA MÚSICA QUE FALA SOBRE BEBER NA RUA NUM DIA DE VERÃO, ALGO ASSIM. E ISSO É MUITO BRASIL. É BRASIL NAS COISAS QUE A GENTE FICA PUTO, É BRASIL NAS COISAS QUE A GENTE FICA FELIZ”.

Fora do eixo, dentro da realidade

Ser uma banda de Pelotas molda profundamente esse olhar. Longe de uma cena efervescente e constante, a Marinas Found cresce em meio a ciclos irregulares, com períodos de intensa atividade e outros de quase silêncio.

“A CENA AQUI É BEM MAIS DIVIDIDA. ÀS VEZES TÁ VIVA, ÀS VEZES TÁ MORTA. ISSO INFLUENCIA TUDO, INCLUSIVE O JEITO QUE A GENTE CRIA.”

O IMPACTO RESSOA TANTO NO DISCURSO POLÍTICO QUANTO NA DIMENSÃO AFETIVA DO ÁLBUM. ALÉM DISSO, ESTAR FORA DO EIXO TAMBÉM IMPÕE LIMITES: MENOS SHOWS, MENOS TROCAS IMEDIATAS. MAS, POR OUTRO LADO, CRIA UMA PERSPECTIVA PRÓPRIA, MENOS REFÉM DE TENDÊNCIAS.

“QUERIA QUE AS PESSOAS SE SENTISSEM TÃO PILHADAS PRA SER QUEM ELAS QUEREM SER QUANTO EU ME SENTIA QUANDO OUVIA AS MÚSICAS QUE ME FIZERAM PIRAR COM 14, 15 ANOS.”

Não é um disco ingênuo. Ele sabe que as coisas estão difíceis, que a inocência não volta, que o capitalismo rouba futuros antes mesmo de eles existirem. Mas também se recusa a transformar isso em derrota permanente. Entre o sol e o confronto, a Marinas Found escolhe existir, um dia após o outro, e convida quem ouve a fazer o mesmo.

“A GENTE TEM QUE ESTAR CIENTE DO QUE ESTÁ ACONTECENDO AO NOSSO REDOR, MAS ISSO NÃO SIGNIFICA QUE A GENTE PRECISE TOMAR ATITUDES NEGATIVAS SÓ PORQUE AS COISAS SÃO UMA MERDA. É MUITO FÁCIL CAIR NUMA DERROTA E, ÀS VEZES, DÁ VONTADE MESMO, PORQUE AS COISAS SÃO FODA. VAI TER MOMENTO EM QUE A GENTE CANSA, EM QUE DÁ VONTADE DE LARGAR TUDO, DE PENSAR ‘FODA-SE’”, explica Pedro.







No fim, o que a Marinas Found deseja provocar é **movimento**. Para Pedro, o objetivo era criar uma trilha para o rolê, mas também para a tomada de decisão; para a indignação política, mas também para a afirmação pessoal.

“[...] DEPOIS DE UM DIA, DOIS, UMA SEMANA NESSE ESTADO DE DERROTA, QUE A GENTE CONSIGA SE LEVANTAR E DIZER: ‘NÃO, TÁ, VAMOS FAZER ALGUMA COISA’. SEJA O QUE FOR. PERDEU O EMPREGO, NÃO PASSOU NA FACULDADE QUE QUERIA, SEI LÁ. OU, PORRA, TEUS COROAS SÃO HOMOFÓBICOS, SÃO UNS PAU NO CU CONTIGO. MESMO ASSIM, QUE TU CONSIGA SENTIR QUE TÁ FAZENDO O QUE TU QUER, QUE TÁ FAZENDO O QUE É CERTO PRA TI. QUE SEJA UMA COISA QUE ABRAÇE AS PESSOAS, QUE DIGA: ‘VAMOS, DÁ PRA SEGUIR’”, completa o artista.

É um álbum *jovem, fresco, nostálgico sem preciosismo, crítico sem cinismo*. Um disco que entende que sentir saudade não é, necessariamente, querer voltar, mas decidir seguir em frente com mais **consciência**.

ARTISTA DO MÊS

SOBRE SER E EXISTIR:

GUI VELLA

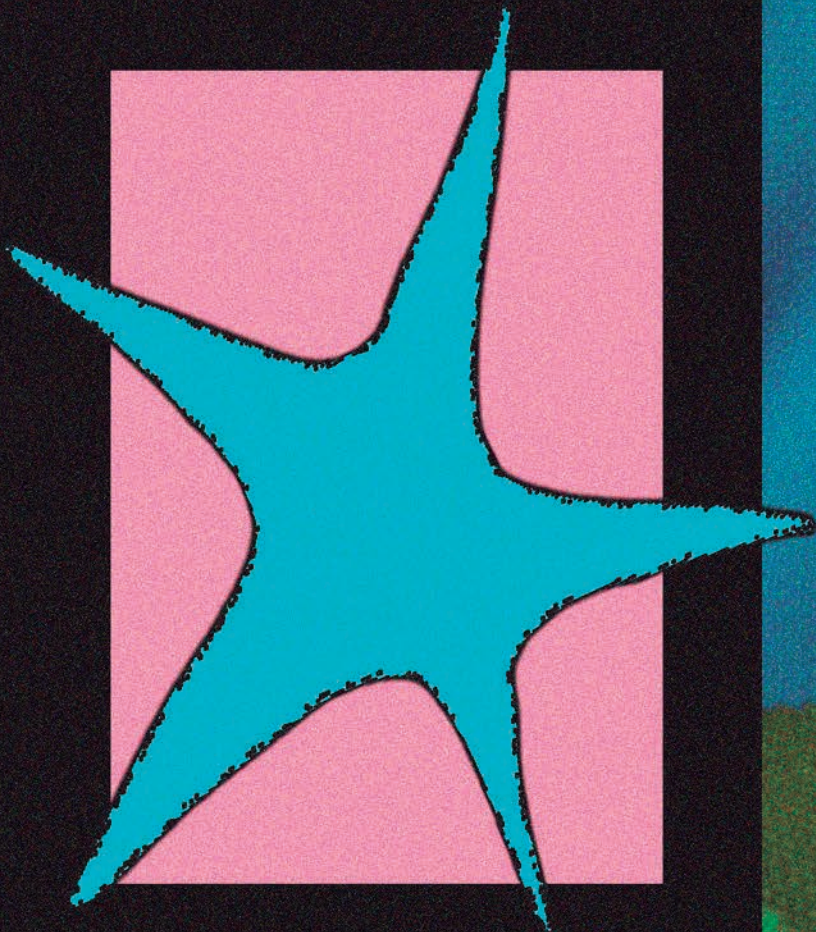


"A gente tava falando de música triste", digo quando Rafa e Yvã adentraram o estúdio, localizado na Vila Buarque, pouco antes da entrevista com Gui começar. As fotos tinham dado uma pausa, e agora ele sentava a poucos metros de mim, em uma caixa de madeira que servia como banco.

"Eu acho que a visão da música triste pra mim é... entender o que a pessoa tá sentindo", ele complementa. **"Eu gosto muito daqueles gritos que as pessoas não sabem gritar. Adoro música assim, porque quando você escuta, você consegue entender, tipo, o que a pessoa tá sentindo."**

Todo mundo presente concorda, e ele adiciona: **"é que existe certa beleza no que é visceral, no que é muito honesto, né?"**

"Podemos começar?" "Podemos."
"Então vamos."





A CHUVA APAGOU, MAS TUDO SOBROU: GUI VELLA LANÇA PRIMEIRO EP

Foram anos e anos mantendo ...e a chuva apagou engavetado, mas, no fim de 2025, Guilherme Ibanez decidiu libertar seu eu artístico, dando espaço para Gui Vella aparecer. Com cinco faixas ao todo, o EP de estreia do artista paulistano chegou às plataformas digitais no fim de janeiro, antecipado pelos singles **"Olhostortos"** e **"Espelho"**.

"Eu sou uma pessoa feliz", conta Gui. **"Mas eu não sou uma pessoa tão aberta. Então, nem sempre as pessoas sabem como eu tô me sentindo."**

Ele pausa, e continua: **"na verdade, eu odeio que as pessoas saibam como eu tô me sentindo de verdade. Eu prefiro que as pessoas pensem que eu tô feliz e que elas consigam ficar felizes com isso também."**

Todo esse pensamento tem um objetivo: explicar a forma que Gui escreve, principalmente em seu primeiro trabalho, que escorre tristeza, melancolia e muito sentimentalismo pelos quatro cantos do EP. **"É muito difícil pra mim sintetizar as coisas que eu penso",** explica.

"Já aconteceram várias vezes de tipo, eu escrever uma letra e depois de três ou quatro meses eu entendi o porquê eu escrevi aquela letra, que era alguma coisa que eu tava fazendo na época, mas eu não conseguia entender o que tava acontecendo", ele relembra. **"Então, ao invés de eu escrever pensando no que eu tô sentindo, que é uma coisa que eu tenho dificuldade, eu falo sem pensar pra entender o que eu queria falar depois."**

De certa forma, isso tornaria o processo de compor e criar um pouco mais natural ou difícil? Gui explica que é um pouco dos dois. Segundo ele, há casos em que ocorre de forma natural e bem rápida, com músicas ficando prontas em menos de uma hora — por outro lado, há casos muito mais complexos.

"Eu acho que o ano que eu mais escrevi foi o ano passado, foi um ano muito difícil pra mim, mas eu escrevi bastante porque estava acontecendo bastante coisa", ele relembra. **"As músicas do EP são todas de quando eu tinha 15 anos de idade."**

Escrever é um processo. Principalmente para mentes ansiosas e muito criativas. A criatividade às vezes desaparece, e volta após longos espaços de tempo. Para Gui, não é diferente. E esse processo acabou atingindo também o seu momento de quando lançar seu primeiro trabalho. Para ele, foi difícil e demorado reconhecer que agora seria a hora.

"Acho que demorei uns três ou quatro anos para entender que minha música era música de verdade", reflete ele. **"Quando eu escrevi a minha primeira música, eu toquei ela, mostrei pras pessoas....mas aí eu fui começar a gostar das minhas músicas quando eu posteí meu projeto pela primeira vez. Em 2021."**

De acordo com ele, era uma ocasião em que estava na casa da tia e, simplesmente, resolveu publicar todas as músicas gravadas em voz e violão. Exatamente as mesmas faixas liberadas em ...e a chuva apagou.



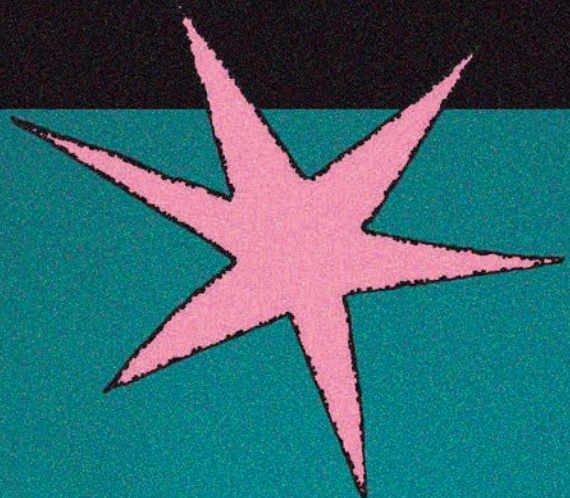
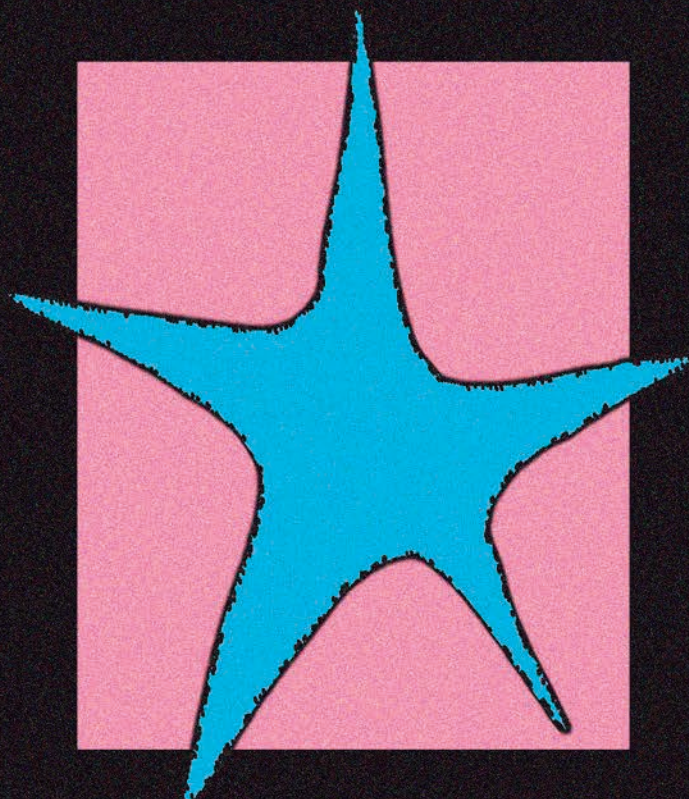


Olhando para trás, Gui avalia a faculdade de produção musical como a grande virada de chave para a sua vida como artista. Nascido e crescido em São Paulo, foi necessário conviver com outras pessoas na área musical para que ele passasse a se enxergar também como um artista.

“Viver de arte no Brasil é muito difícil. E aí você escolhe ser um fodido para fazer o que você ama, é uma escolha muito complicada”, ele desabafa.

“Eu acho que é muito fácil sentir orgulho das suas coisas quando você vê que as pessoas gostam delas, sabe?”

Ele continua: **“Tô começando a gostar bastante do meu trabalho, é uma coisa que eu achei que nunca fosse acontecer.”**





...E A CHUVA APAGOU


Inicialmente pensado para se chamar Odeio Despedidas, Gui Vella mudou o nome do trabalho de última hora. São cinco faixas ao todo, três de sua autoria, incluindo a primeira música que escreveu na vida: **"Olhostortos", seguida por "Agosto" e "Espelho".**

"As outras duas músicas são do meu primo, que é a minha maior inspiração pro projeto desde que eu comecei", revela ele. **"Ele faz música há muito tempo, eu descobri meio tarde, assim, o som dele, mas eu aprendi muito."**

Gui explica mais especificamente sobre "Bolinho", uma das autorias de seu primo: leozinho lixo. **"Foi uma música virada de chave para mim. Foi quando eu decidi que eu queria escrever. Eu falei: 'mano, é isso que quero escrever' – é gritado, visceral, sofrido, sabe? E é uma coisa que eu gosto muito."**

"O nome inicial do EP seria por conta dele, inclusive. Meu primo não gosta de dar tchau, só sai à francesa", brinca ele. **"Seria uma homenagem a ele."**

SOMORIDADE



Apesar de se identificar bastante com o emo, Gui está aberto a testar todos os gêneros musicais possíveis durante sua carreira. **"As músicas têm influência de muita coisa",** ele explica. **"Tanto da minha época da faculdade, em que escutei muita coisa, quanto dos meninos da Anteontem, que produziram o EP."**

...e a chuva apagou viaja pelo indie, emo e tem boas pitadas de hardcore. Mas segundo Gui, tem influência de tudo o que já passou por sua vida.



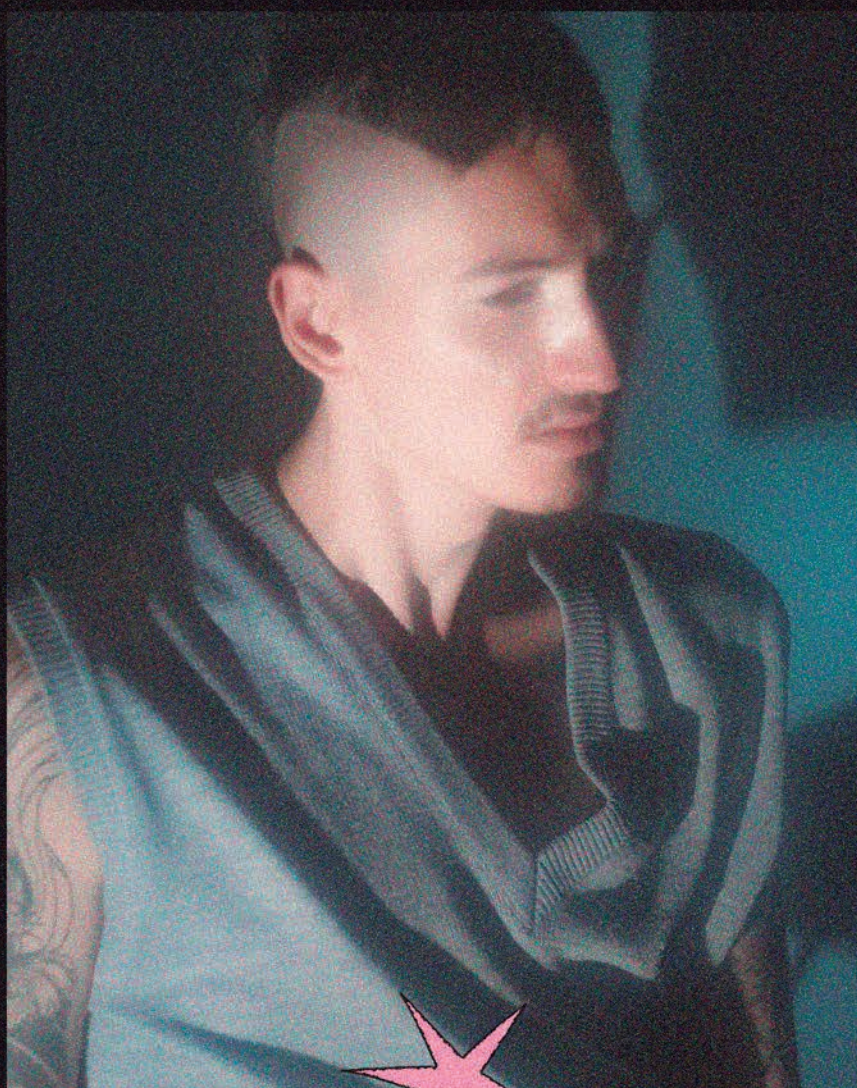


“Eu tô vivendo a vida que queria viver quando eu tinha, sei lá, 13 anos”, explica Gui. “E isso é uma loucura para mim.”

Gui explica que essas cinco faixas são como cartas abertas e que agora estão finalmente sendo lidas, após muito tempo guardadas.

E é só o começo: o show de lançamento do EP sucede à audição que aconteceu no FFFront, em São Paulo, um dia antes do lançamento online. Gui Vella também pretende rodar algumas cidades com o trabalho, mas já adianta que muitas músicas ainda virão:

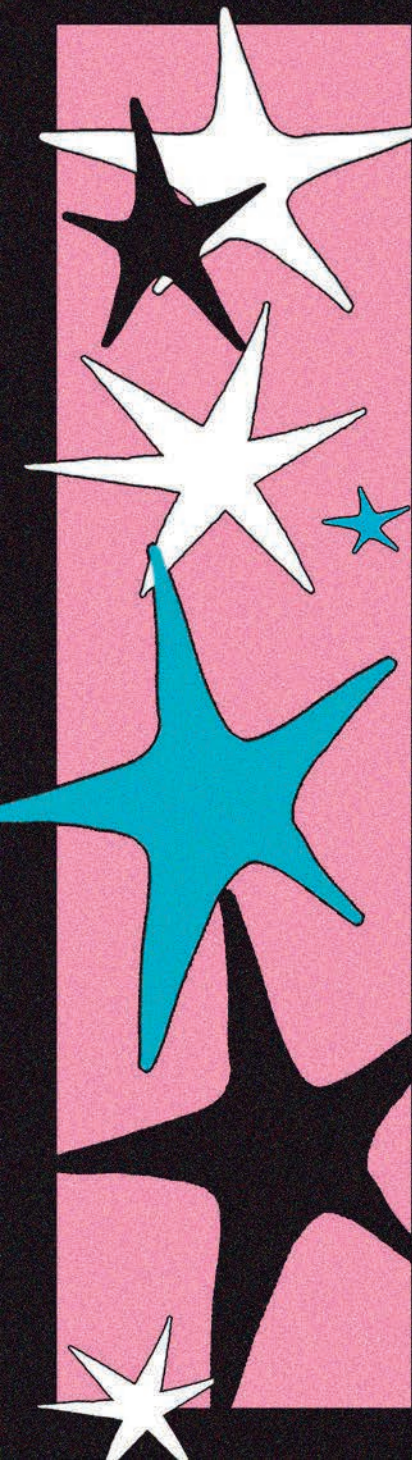
“Eu tô muito feliz com o projeto. Definitivamente é o projeto da minha vida.”



ATÉ ACOGORA



down
stage



ARTISTA DO MÊS
ARTISTA DO MÊS
ARTISTA DO MÊS
ARTISTA DO MÊS
ARTISTA DO MÊS

GUI VELLA

MARINAS FOUND